

TREM PARA BARCELONA

Jori Senter Stuart

A primavera chegou, eu tinha 18 anos, e a vida era maravilhosa.

Acabara de completar um semestre escolar, na Alemanha, e iniciaria o segundo período letivo na Inglaterra. Entre um semestre e outro, uma amiga e eu decidimos fazer um pequeno passeio turístico, e programamos uma viagem que cobriria oito países, em 28 dias.

Tínhamos acabado de passar alguns dias sob o sol dourado da pequena cidade de Nice, na Riviera Francesa. Agora, nossos francos estavam no fim - sinal de que era hora de arrumar as malas e prosseguir a viagem. Guardamos nossos parques pertences em mochilas, e, como se fôssemos dois burros de carga, caminhamos com dificuldade até a estação ferroviária.

Quando chegamos à estação, a massa humana que aguardava os trens já atingia as ruas ao redor. Aparentemente, naquele início de primavera, todos os 50 mil estudantes das faculdades estavam tentando sair de Nice. Durante todo o tempo em que tentávamos abrir caminho até a bilheteria, ouvíamos estas palavras ameaçadoras: "greve de trens".

- Não há trens - confirmou o homem atrás do balcão. - Talvez daqui a um dia. Talvez daqui a uma semana.

Desanimadas, procuramos um lugar na estação para nos acomodarmos. Assim que o encontramos, fizemos uma análise da situação. Tínhamos comida suficiente para atravessar o dia. Água engarrafada, dois sanduíches de manteiga de amendoim e duas laranjas. Nossa reserva financeira consistia exatamente de 12 francos.

De repente, percebemos que estávamos muito longe de casa.

Sete horas depois, a cena quase não havia mudado, exceto que a multidão aumentara, os ânimos estavam mais exaltados, e o vozerio dos turistas frustrados alcançava as ruas. Adolescentes mal-encarados portavam-se inconvenientemente no meio da multidão, à procura de alvos fáceis. Senti-me mais confortada, ao ver um grupo de estudantes norteamericanos sentados perto de nós. Eles estavam entretidos, jogando cartas e escrevendo mensagens em cartões postais para seus familiares.

- Vou dar uma volta para ver se encontro um meio de sairmos deste lugar. - Minha amiga estava demonstrando impaciência. - Tome conta de nossas coisas. Vou dar alguns telefonemas.

Encostei minha jaqueta num pilar e tentei acomodar-me para passar a noite ali. A situação começava a se acalmar na estação.

De repente, ouvi uma voz, vinda de trás do pilar, sussurrando para mim:

- Não diga nada. Só quero seu dinheiro e seu passaporte, nada mais.

O homem saiu de trás do pilar e apareceu diante de mim. Era alto e tinha uma expressão ameaçadora no rosto. A aba do chapéu cobria-lhe os olhos.

- Sinto muito. Não entendo...

Eu esperava que ele se sentisse frustrado e desistisse.

Evidentemente, ele não era homem de desistir facilmente.

- Você sabe o que eu quero, americana. É melhor parar de fazer esse joguinho comigo, antes que eu me zangue de verdade...

Enquanto ele me dizia essas palavras, um rapaz do grupo de estudantes americanos que estava perto de nós agarrou-me pelo braço e começou a me levantar do chão.

- Nosso trem acabou de chegar. Pegue suas coisas e vamos embora antes que alguém tome o nosso lugar.

Uma garota loira, de rabo-de-cavalo, trajando camisa larga e calça jeans, estava carregando a mochila de minha amiga nos ombros e falava comigo o tempo todo.

- Aonde você foi? Procuramos por você o tempo todo... Vamos, temos de correr. Você nos dá licença, por favor? - Ela me puxou, e nós duas passamos pelo pretense ladrão.

Ele ficou tão surpreso que não disse nada, mas tentou agarrar-me pelo braço. Minha benfeitora foi mais rápida do que ele e me empurrou para o meio da multidão.

Depois de um tempo, que pareceu uma eternidade, depois de tanto empurra-empurra, chegamos a um lugar onde havia menos gente.

Tremendo, coloquei minha mochila ao lado de um banco e me virei para agradecer àquela que acabara de me salvar. Porém, só avistei a mochila vermelha de minha amiga, encostada na parede. A moça loira, de rabo-de-cavalo, havia desaparecido no meio do povo.

De repente, ouvi alguém chamar meu nome.

- Jori! - Minha amiga vinha correndo em minha direção, pela plataforma. - Onde você estava? Por que não ficou perto do pilar?

Sentamo-nos no banco e comecei a lhe contar minha aventura. Fui interrompida pelo aviso vindo do alto-falante:

"Trem para Barcelona encostando na Plataforma 4! Trem para Barcelona encostando na Plataforma 4! " Olhamos para cima e vimos que estávamos na Plataforma 4!

Avistamos o farol da locomotiva rodando pelos trilhos em nossa direção.

Mais tarde, enquanto observávamos, pela janela do trem, as paisagens dos campos franceses, eu disse à minha amiga:

- E pensar que não tive a oportunidade de agradecer àquela moça!

Minha amiga disse simplesmente:

- Acho que ela sabe que você queria lhe agradecer.

Não sei de que forma, mas achei também que ela sabia.